

DAMON RUNYON

ELES
E ELAS

Contos da
Broadway

SELEÇÃO, TRADUÇÃO E PREFÁCIO

JAYME DA COSTA PINTO

CARAMBAIA



OFFICIAL POLICE 1933
CALENDAR DEPARTMENT
CITY OF NEW YORK

SUNDAY
21
MAY

16700

SUMÁRIO

O INVENTOR DE NOVA YORK
PREFÁCIO, POR JAYME DA COSTA PINTO
- 6 -



ROMANCE NA
LATITUDE 40
- 21 -



O IDÍLIO DA SRTA.
SARAH BROWN
- 147 -



UM SUJEITO
HONRADO
- 46 -



O QUÊ?! NÃO TEM
MORDOMO?
- 174 -



PRESSÃO SANGUÍNEA
- 74 -



SENSO DE HUMOR
- 199 -



TERREMOTO
- 101 -



A CANÇÃO DO COVEIRO
- 218 -



A PEQUENA SRTA. MARKY
- 118 -



BARBADA
- 242 -

O INVENTOR DE NOVA YORK

Nascido em 1880 na cidadezinha de Manhattan, no estado americano do Kansas, o jornalista e escritor Damon Runyon ganharia fama décadas depois ao esboçar um universo de tipos muito particulares, fincado numa área com o mesmo nome de sua terra natal: Manhattan – no caso, o distrito de Nova York, para onde a carreira jornalística o levou. Régua e compasso apontando para origem e destino iguais, mas abissalmente diferentes. Forma e conteúdo engendrados, dando o tom, como nas narrativas que compõem este volume.

O universo inventado pela pena de Runyon é habitado por descendentes de imigrantes irlandeses, judeus, italianos, que ocupam uma

ampla variedade de postos na hierarquia social – de garçons e leões de chácara a pugilistas e gângsteres, passando por jornalistas e contrabandistas de bebidas. Todos circulando por uma área de cerca de dez quarteirões no centro de Manhattan durante um período, anos 1920 e 1930, em que a Nova York dos teatros e musicais ainda começava a ganhar forma. A população da cidade chegou a dobrar nessa época e a luta pela sobrevivência cotidiana dos recém-chegados não escapou ao olhar de Runyon. Ele dramatizou a existência desses personagens que, apesar das dificuldades, esperavam arranjar alguma vantagem daquela situação, fosse dinheiro, amor ou posição social.

São criaturas moldadas a partir de observações em primeira mão do criador e resultantes de horas passadas no restaurante-delicatessen Lindy's, na Broadway – que Runyon homenageia ao situar várias de suas histórias no fictício Mindy's –, onde seu principal afazer era sentar e ouvir. “Sou o maior sedentário da cidade”, chegou a declarar em entrevista. “Para capturar algo minimamente interessante, preciso estar

sentado. Sou capaz de passar o dia parado aqui sem que a cadeira emita sequer um rangido.” Aparentemente, os frequentadores cascas-grossas do Lindy’s não se importavam com a presença de um repórter ali e soltavam o verbo, fornecendo a Runyon combustível para os contos e, principalmente, para a construção de um estilo que viria a se tornar inconfundível na literatura americana do século XX. Eram figuras como Frank Costello e Arnold Rothstein, mafiosos célebres na época, tipos de quem Runyon absorveu tudo que podia durante os anos 1920 para produzir, na década seguinte, o material de que este volume se pretende ilustrativo.

A transição entre as duas Manhattans consumiu tempo e energia do autor, que cresceu no estado do Colorado e só chegou a Nova York em 1910, aos 30 anos de idade, para trabalhar no jornal *American*, periódico mais respeitado do grupo Hearst, em oposição ao *Evening Journal*, tabloide popular e mais afeito a escândalos. Ou seja, Runyon já chegou por cima, cobrindo esportes, mais especificamente o time de beisebol dos New York Giants. A tiracolo, o escritor levou

a mulher, a quem assentou no subúrbio da cidade e com quem logo teve dois filhos. Relatos biográficos dão notícia de que Runyon foi um pai ausente e um marido tenebroso – a esposa morreria em 1931, de alcoolismo, época em que ele já morava sozinho em um quarto de hotel.

Assim como vários de seus personagens, Runyon era jogador compulsivo e vivia em constante aperto financeiro. Em 1929, com a quebra da Bolsa e a chegada da depressão econômica, era preciso encontrar um jeito de ganhar dinheiro. A virada começou a tomar corpo nessa época, quando Arnold Rothstein, gângster próximo de Runyon, foi baleado e morto durante um tiroteio mal explicado no Park Central Hotel. Dívida de jogo seria o motivo. Runyon sentiu que precisava pôr histórias como essa no papel, só não sabia como, até que passou a tratar as figuras criminosas com quem dividia sanduíches no Lindy’s como personagens de ficção, e viu que havia promessa ali. Mais: percebeu que poderia abordar o tema de maneira engraçada, cômica mesmo, e começou a perpetrar frases como estas, que abrem o conto “Terremoto”, incluído nesta coletânea:

Pessoalmente, não gosto de tiras, mas procuro ser cordial com eles, e então quando Johnny Brannigan entrou no Mindy's numa noite de sexta-feira e se sentou na minha mesa, porque não tinha mais lugar vazio no restaurante, fui logo cumprimentando animado. [...]

Johnny Brannigan tem cara de doente, e torço secretamente para que seja algo fatal; na minha opinião, já existem tiras demais no mundo, ter alguns a menos pode ser até bom para as partes interessadas.

Runyon começou a vender os textos para uma revista do grupo Hearst, um atrás do outro, ao longo da década de 1930, e o dinheiro voltou a entrar. Algumas histórias foram comercializadas com Hollywood e viraram filmes, como “A pequena srta. Marky”, por exemplo, parte deste volume, que transformou Shirley Temple na estrela mirim que encantaria o mundo todo. Dois outros contos encontrados aqui, “O idílio da srta. Sarah Brown” e “Pressão sanguínea”, foram reunidos depois da morte de Runyon e se transformaram no musical *Guys and Dolls* (“Eles e elas”, em português), que na versão em tela grande (de 1955) trouxe no elenco nomes como Marlon Brando e Frank Sinatra.

Com a boa fase, Runyon se casou de novo, em 1932, com uma moça chamada Patricia del Grande, a quem apresentava como condessa espanhola. Há quem diga que, na verdade, seu nome verdadeiro era Patricia Amati e que Runyon a conheceu quando cobria a guerra no México, nos anos 1920. Ela teria vindo bater à porta dele mais tarde, em busca de um trabalho de corista em Nova York. Num estalar de dedos, e em movimento típico dos personagens que criou, o escritor se apaixonou pela jovem, apesar de ela ser 26 anos mais jovem. Casaram-se e viveram bem por um tempo em Beverly Hills, até ele começar a sofrer com um câncer na laringe e acabar trocado por um homem mais novo. A essa altura, Runyon já estava de volta a Nova York, onde morreria em 1946. Trajetória com reviravoltas dignas de um conto “runyonesco”.

Esta coletânea reúne dez histórias em que Broadway e adjacências, mais do que cenários, surgem como personagens importantes do enredo. Graças ao alcance de sua prosa no início do século XX, Runyon criou a imagem de Nova York que o mundo abraçaria. Havia, claro, a cidade

real, diferente da erguida pela ficção do escritor, mas, numa era sem aviões a jato e passagens aéreas econômicas, foi a versão inventada em livros e, depois, em filmes que tomou conta do imaginário dos americanos.

“Runyonesco” e “runyonês” tornaram-se contribuições ao léxico literário em língua inglesa em razão do estilo singular de Damon Runyon, marcado, entre outras características formais, pelo uso praticamente exclusivo, quase obsessivo, do presente do indicativo. Quando a sintaxe pede algum distanciamento temporal ou uma perspectiva deslocada em relação ao presente, o autor faz uso de algum advérbio ou conjunção, ou simplesmente segue adiante sem alterar o tempo verbal, esvaziando a obrigatoriedade gramatical e estabelecendo um novo nexo de tempo, o que só faz ampliar o estranhamento causado, em especial, a ouvidos anglófonos. O efeito resulta mitigado na tradução, mesmo com o uso do presente histórico em português, porque Runyon de fato cria um universo linguístico de difícil reprodução em outro idioma. A obra de Runyon – e, notadamente, seu estilo

único – foram construídos ao longo de décadas de trabalho como jornalista e escritor. E, nesse mundo, o tempo passado não tem vez.

O que Runyon faz com o tempo verbal equivale a uma depuração extrema da língua, que fica reduzida à sua forma mais básica – o que não significa mais simples; pelo contrário, ao atingir esse nível de pureza quase agramatical da linguagem, o autor cria a base em que essa falta de estrutura temporal sustenta ações congeladas num presente eterno. A linguagem urbana da prosa de Runyon transita por esse presente na forma de fragmentos, frases juntadas como peças de um jogo infantil ou como o discurso truncado de imigrantes, uma sequência não hierarquizada de sujeitos e verbos dando uma aparência de que reside ali algo de primitivo. Nada mais enganoso. É um fluxo de linguagem intencional demais para ser atribuído de modo ligeiro à falta de domínio da norma culta pelos imigrantes-personagens: Runyon oferece ao leitor um relato parcelado, mas não primitivo, dos acontecimentos à medida que eles se desenrolam. A ênfase recai, antes, sobre o aqui e o agora, sobre a comunicação direta

e reta, fazendo com que a coerência fique no limite do possível, mas ainda se mantenha sob medida para atender a uma limitadíssima capacidade de atenção. É uma forma literária que busca dar expressão a certo esgarçamento social específico da vida nas grandes cidades do século xx. Para Svend Riemer, professor da Universidade de Wisconsin que estudou a obra de Runyon, esse descolamento entre o desamparo humano e um ambiente complexo e artificial, em que o paradoxo da solidão em meio à multidão é gritante, é definidor de um tipo de urbanismo moderno que Runyon explora com maestria e que deveria ser um tema central da nossa civilização.

Um outro aspecto formal distintivo na obra de Runyon é a figura do narrador, nunca nomeado, de todas as suas histórias. Ele se apresenta como alguém quase íntimo das figuras perigosas que descreve, mas ao mesmo tempo é um sujeito medroso, que na maioria das vezes quer ficar longe de encrenca – mas sempre acaba testemunhando as maiores barbaridades. É a favor da lei, como gosta de afirmar, e insiste que preferia estar em outro lugar a ser visto na

companhia daqueles bandidos. Mas toda vez que encontra um deles no Mindy's, o que pode fazer além de mandar um efusivo “olá”? Ao mesmo tempo que é a favor da legalidade, o narrador odeia policiais. Seu único ponto em comum com a galeria de escroques que povoam as histórias é a paixão que todos compartilham por corridas de cavalos. Em contraposição ao que sai da boca da malandragem que frequenta o Mindy's, a dicção do narrador é intencionalmente mais formal, quase polida. Ele acaba se revelando a figura de menor prestígio nesse mundo duplo dos contos de Runyon, em que apostadores e criminosos de baixa estirpe comem chucrute tranquilamente durante o dia e enfrentam matadores e gângsteres em tiroteios sangrentos à noite. Ele sabe que prudência nunca é demais e se mostra sempre cauteloso ao escolher as palavras e, conseqüentemente, evitar ele mesmo um balaço em sua direção. Frequentar a base da pirâmide no crime automaticamente torna o sujeito um especialista em boas maneiras. O depoimento de um contemporâneo de Runyon, o professor D. W. Murer, pesquisador do dialeto e do jargão

criminais, sublinha essa necessidade de cautela do autor:

Eu cheguei a ver Runyon em restaurantes da Broadway, conhecidos pela clientela mafiosa, discutindo manuscritos com aqueles homens. Ele desfrutava de uma aceitação incomum naquele ambiente, e ouvi dizer que sempre havia alguém de olho nele, para evitar que algo de ruim lhe acontecesse.

Daí, talvez, o ceticismo do narrador: nas histórias de Runyon, pessoas são baleadas, crianças abandonadas morrem de frio, o amor só é verdadeiro se associado a uma carteira recheada de notas “estalando de novas”, para usar uma imagem recorrente do escritor, o patrimônio dos personagens despenca e volta a disparar aleatoriamente. Em meio a tudo isso, o narrador se limita aos fatos nus e crus, e o leitor é desafiado a reavaliar um padrão de vida que se acostumou a aceitar como natural.

O escritor americano Pete Hamill observa que o narrador de Runyon passa a impressão de não estar apenas contando, mas de fato es-

crevendo a história. Reproduz a fala das ruas em um nível e, em outro, acrescenta sentenças e explicações. Um exemplo:

Aí que certa noite vejo o Feet no Hot Box, um nightclub, dançando com uma pequena que atende pelo nome de Hortense Hathaway e é corista do espetáculo *Scandals*, de Georgie White, e a moça está simplesmente em cima dos pés de Feet como se fossem dois esquis, e Feet nem percebe. Ele até deve achar que as lanchas que usa nos pés estão um pouco mais pesadas hoje porque, diga-se de passagem, Hortense não é exatamente esquelada. De fato, ela passa por um bom peso meio-médio.

À linguagem saborosa das ruas – “em cima dos pés de Feet como se fossem dois esquis”, “as lanchas que usa nos pés” – sobrepõe-se uma camada daquilo que o narrador entende ser um verniz de sofisticação e polidez – “não é exatamente esquelada”. O narrador sabe que há regras que precisam ser seguidas. Só não sabe exatamente quais são e acaba enfiando o coloquial onde caberia o formal, e vice-versa. A combinação da fala colorida das ruas com suposto

rigor respeitoso resulta em frases longas, que só terminam quando, desconfia-se, o narrador precisa respirar. Nessa manobra reside em boa medida a comicidade de sua prosa.

É na articulação entre forma e conteúdo que Runyon pode ter um alcance que supera as fronteiras da ilha de Manhattan e os limites específicos, sintáticos, de um idioma. No texto “O ensaio como forma”, o filósofo alemão Theodor Adorno defende uma escrita (ensaística, no caso) que prime pela “espontaneidade da fantasia subjetiva”, em que as palavras vibrem de comoção sem se omitir sobre o que as comoveu. É isso que Runyon faz ao experimentar, virar do avesso seu objeto, ao manipulá-lo sem receios, ao estruturá-lo como se a qualquer momento tudo pudesse mudar. Escreve em fragmentos porque assim enxerga a realidade; a unidade, se existir, será encontrada nessas fraturas, e não na homogeneização do que está fraturado. Na prosa de Runyon, o contato com a experiência individual é um contato com a história mais ampla, com a atmosfera da vida na cidade. Esse contato pode ser frio, duro, os personagens por vezes se comportam como o

mendigo que desconfia quando a esmola é muita, mas também há espaço para o ato bom, para a generosidade. Basta procurar nas fraturas. É, por fim, uma prosa sobre “conflitos em suspenso”, para usar a definição que Adorno dá ao ensaio filosófico. Ao insistir no tempo presente, Runyon estaria, então, mais do que simplificando a linguagem, valorizando a experiência humana própria, individual, imediata. Estaria, enfim, e ainda nos termos de Adorno, eternizando o transitório.

A eternidade do escritor durou até 1946. Antes, em 1944, a doença já o obrigara a retirar a laringe. O ritmo de trabalho diminuiu, limitado então a poucas colunas para jornais. Divorciado mais uma vez, Runyon passou os últimos dias de vida em Nova York, cidade que adotou e transformou em personagem conhecida, quase íntima mesmo daqueles que nunca a visitaram. Cremado, teve as cinzas espalhadas sobre Manhattan de um avião. Do pó às cinzas, de uma Manhattan à outra: régua e compasso enfim alinhados.

JAYME DA COSTA PINTO é tradutor e intérprete. Traduziu e organizou *Contos*, de O. Henry (Carambaia, 2016).



ROMANCE NA LATITUDE 40

Só mesmo um otário de carteirinha pensaria em olhar mais de uma vez pra pequena de Dave the Dude. Se a primeira olhada o Dave pode até aturar, achando que é mal-entendido, é certeza que vai se melindrar com a segunda, e Dave the Dude não é sujeito para se melindrar.

Mas o tal Waldo Winchester é otário de pai e mãe, e por isso olha pra moça sem parar. E o pior, ela retribui os olhares. Pronto. Quando um rapaz e uma pequena começam a trocar olhares, bom, pronto.

Waldo Winchester é um jovem boa-pinta que escreve sobre a Broadway para o *Morning Item*. Fala do que acontece em nightclubs, como brigas e uma

coisinha ou outra, e também sobre quem está andando com quem, incluindo rapazes e pequenas.

Às vezes isso é muito constrangedor para pessoas casadas que andam por aí com pessoas que não são casadas, mas não se pode esperar que Waldo Winchester saia pedindo certidão de casamento pra todo mundo antes de escrever suas colunas.

É provável que, se Waldo Winchester souber que a srta. Billy Perry é a pequena de Dave the Dude, nunca mais olhe uma segunda vez pra ela, mas alguém só lhe sopra essa informação depois da terceira espiada, e a essa altura a srta. Billy Perry já está correspondendo aos olhares – e Waldo Winchester está encantado.

Na verdade, está caidinho e, sendo o otário que é, não quer nem saber quem ela namora. Pessoalmente, não o condeno, a srta. Billy Perry vale algumas olhadas, sim, principalmente quando está no salão do Sixteen Hundred Club, de propriedade da srta. Missouri Martin, sapateando como ela só. Mesmo assim, nem a melhor sapateadora do mundo pode me arrancar dois olhares seguidos se eu souber que ela é a preferida de Dave the Dude, porque o Dave cuida de suas pequenas, e não cuida pouco.

No caso da srta. Billy Perry, cuida muito. Manda entregar casacos de pele, anéis de diamante, e mais uma coisinha ou outra, e ela devolve tudo na mesma hora, parece que não aceita presentes de rapazes. Toda a Broadway acha isso surpreendente, mas há quem acredite que tem coisa aí.

Mas isso não impede que Dave the Dude goste dela, que é vista por todos como a pequena do Dave e é por todos respeitada como tal, até que surge esse Waldo Winchester.

E por acaso ele surge quando Dave the Dude está fora, em rápido bate e volta nas Bahamas para repor mercadorias do seu negócio, coisas do tipo uísque escocês e champanhe, e, quando Dave volta, a srta. Billy Perry e Waldo Winchester já estão naquele ponto em que ficam sentadinhos de mãos dadas, nos cantos, entre os números de dança da moça.

Claro que ninguém conta nada pro Dave, não querem deixar o sujeito nervoso. Nem mesmo a srta. Missouri Martin, o que é raro, porque a srta. Missouri Martin, também chamada de “Mizzoo” pra facilitar, conta tudo que sabe assim que fica sabendo, o que muitas vezes é antes mesmo de o fato ter acontecido.

É que, se Dave the Dude se irritar, pode acabar explodindo os miolos de alguém, e é grande a chance de que esses miolos sejam de Waldo Winchester, embora também digam que Waldo Winchester carece de miolos, ou não estaria andando com a pequena de Dave the Dude.

Sei que o Dave gosta muito, mas muito mesmo, da srta. Billy Perry, porque vejo que conversa sempre com ela, é muito educado e nunca sai da linha ou pragueja quando está na companhia da moça. Sem contar que outro dia o One-eyed Solly chega semibêbado e se refere à srta. Billy Perry como “aquela dona”, mas sem maldade nenhuma, muitos rapazes falam assim das pequenas.

Só que na mesma hora Dave the Dude solta o braço e acerta um murro na boca de One-eyed Solly, e assim fica todo mundo sabendo dali em diante que o Dave tem a srta. Billy Perry em alta conta. Também é verdade que o Dave tem várias pequenas em alta conta, mas é raro ele quebrar a cara de alguém por causa disso.

Bom, e aí uma noite acontece de Dave the Dude entrar no Sixteen Hundred Club e já na porta, quem diria, topar com Waldo Winchester e a srta.

Billy Perry trocando beijinhos feito melhores amigos. No ato, Dave procura o três-oitão para acertar Waldo Winchester, mas por acaso o três-oitão não está com ele, que não contava em ter de apagar alguém justamente naquela noite.

Então Dave se aproxima e, enquanto Waldo Winchester, ao perceber a chegada do outro, liberta a srta. Billy Perry de seus braços, Dave o acerta no queixo com sua enorme mão direita. Devo admitir que Dave the Dude bate bem com a direita, embora a esquerda não seja tão boa, e o soco faz Waldo Winchester dobrar as pernas. Ato contínuo, desaba no chão.

A srta. Billy Perry solta um grito que se pode ouvir em Battery, corre até onde Waldo Winchester jaz estatelado e se joga em cima dele, soluçando alto. Só dá pra entender que ela chama Dave the Dude de grande patife, embora ele nem seja tão grande, e que ama Waldo Winchester.

Dave chega perto de novo e começa a surrar Waldo Winchester, o que é considerado normal nesses casos, mas de repente muda de ideia e, em vez de continuar descendo a bota em Waldo, Dave se vira e sai do bar, o rosto vermelho, enfurecido,

e logo alguém ouve que ele está no Chicken Club enchendo a cara.

Isso é tido como um péssimo sinal, sem dúvida, porque o pessoal até vai ao Chicken Club de vez em quando dar um abraço em Tony Bertazzola, o proprietário, mas são pouquíssimos os que ousam beber qualquer coisa por lá, porque a bebida do Tony não é pra ninguém beber, só os fregueses.

A srta. Billy Perry ajuda Waldo Winchester a se levantar, tira o lenço da bolsa pra limpar o queixo do rapaz e aos poucos ele se recupera, exceto pelo grande inchaço no queixo. E nesse tempo todo ela repete para Waldo Winchester que Dave the Dude é um grande patife, mas logo a srta. Missouri Martin puxa a srta. Billy Perry de lado e passa-lhe um sermão por escorraçar do bar um gastão como Dave the Dude.

“É uma tonta mesmo”, diz a srta. Missouri Martin. “Esse jornalista aí nem pra dar a hora certa serve, e todo mundo sabe que Dave the Dude é um mão-aberta.”

“Mas eu amo o sr. Winchester”, diz a srta. Billy Perry. “Ele é tão romântico... Não é um contrabandista de bebida nem um pistoleiro, como Dave the

Dude. Escreve coisas lindas sobre mim no jornal e sempre se comporta como um cavalheiro.”

Claro que a srta. Missouri Martin não está em posição de discutir a definição de cavalheiro, ela cruza com poucos no Sixteen Hundred Club e, além disso, não quer irritar Waldo Winchester porque ele pode começar a publicar notinhas no jornal pra derrubar a bodega que ela dirige, e, assim, a empresária da noite deixa o assunto morrer.

A srta. Billy Perry e Waldo Winchester seguem a vida, sentando de mãos dadas entre os números de dança da moça e trocando beijinhos de vez em quando, como fazem os jovens; Dave the Dude está dando um gelo no Sixteen Hundred Club e parece que está tudo certo. Naturalmente estamos todos felizes que o caso aquietou, porque o melhor que o Dave vai conseguir em uma briga com um jornalista é o pior resultado possível.

Pessoalmente, acho que o Dave logo encontra outra pequena e esquece a srta. Billy Perry, porque agora que dou uma segunda olhada vejo que ela é igualzinha às outras dançarinas, só que ruiva. As sapateadoras geralmente são morenas, não sei por quê.

Moosh, o porteiro do Sixteen Hundred Club, conta que a srta. Missouri Martin trabalha a favor de Dave the Dude nos bastidores, outro dia mesmo ouviu ela dizer pra srta. Billy Perry: “Esse seu dedo fininho aí tá muito apagado, sem brilho”.

Esse é o jeito de a srta. Missouri Martin dizer que falta um diamante no dedo anelar da srta. Billy Perry. A srta. Missouri Martin é uma dona experiente e vivida, e acredita que, se um rapaz ama uma pequena, precisa provar com diamantes. A própria srta. Missouri Martin tem vários diamantes, embora me escape como um sujeito pode se entusiasmar com ela a ponto de presenteá-la com diamantes.

Não sou muito de frequentar a noite, por isso fico sem ver Dave the Dude por uns quinze dias, mas num fim de tarde de domingo Johnny McGowan, um dos homens do Dave, chega pra mim e diz: “Que tal essa última? O Dave está dando uma voltinha com o escriba!”

O Johnny está tão eufórico que demoro a acalmá-lo e fazê-lo explicar o que está acontecendo. Parece que o maior carro de Dave the Dude está fora da garagem em missão comandada pelo motorista Wop Joe até a redação do *Item*, onde Waldo Winchester

trabalha, com o recado de que a srta. Billy Perry quer se encontrar com Waldo imediatamente no apartamento da srta. Missouri Martin na rua 59.

Óbvio que o recado não passa de papo furado, mas Waldo cai na conversa e entra no carro. Wop Joe o leva até o apartamento da srta. Missouri Martin, e quem se junta a eles, veja só, é Dave the Dude. E dali o trio segue adiante.

A notícia é a pior possível, porque, quando o Dave leva alguém pra dar uma voltinha, esse alguém geralmente não volta. Nunca pergunto o que acontece, porque a melhor resposta que se pode receber nesta cidade que tem dono é um soco na fuça.

Mas estou preocupado com este caso porque gosto do Dave the Dude e sei que levar um sujeito como Waldo Winchester pra dar uma voltinha vai causar burburinho, principalmente se ele não voltar mais. Os outros caras que o Dave the Dude leva pra passear não são grande porcaria, mas esse pode causar encrenca, mesmo sendo um otário, por causa de sua ligação com um jornal.

Conheço jornais o suficiente pra saber que mais dia menos dia o editor ou alguém lá vai querer saber onde estão as colunas de Waldo Winchester sobre

a Broadway, e, se não há mais colunas de Waldo Winchester, o editor vai querer saber por quê. Então outras pessoas também vão querer saber, e depois de um tempo todo mundo vai perguntar: “Onde está Waldo Winchester?”.

E se muita gente aqui na cidade fica querendo saber por onde anda fulano, a história se transforma num grande mistério e os jornais pressionam os tiras, que pressionam todo mundo e aos poucos a coisa esquenta tanto que a cidade fica impossível.

Mas o que fazer nesta situação eu mesmo não sei. Pessoalmente, acho tudo muito ruim, e enquanto Johnny sai pra dar um telefonema tento pensar em algum lugar pra ir onde as pessoas me vejam e se lembrem disso depois, caso seja necessário que se lembrem.

Finalmente o Johnny volta, empolgado, e diz: “O Dave está no hotel Woodcock Inn, em Pelham Parkway, e manda chamar todo mundo pra lá agora. O Good Time Charley Bernstein é quem passa o recado. Tem coisa no ar. O resto da gangue está a caminho, vamos embora”.

Mas esse é o tipo de convite que não me cai bem mesmo. Não vejo Dave the Dude como boa

companhia pra um sujeito como eu no momento. Das duas, uma: ou Waldo Winchester já é passado, ou Dave está se preparando para fazer alguma coisa com ele, coisa da qual não quero participar.

Pessoalmente, nada tenho contra jornalistas, nem mesmo os que escrevem sobre a Broadway. E se Dave the Dude quer fazer alguma coisa com Waldo Winchester, tudo bem, mas por que trazer gente de fora pra participar? Quando dou por mim, estou no carro esporte de Johnny McGowan, que pisa fundo, ignorando semáforos e todo o resto.

Enquanto voamos pela Concourse, penso na situação toda e concluo que Dave the Dude provavelmente não para de pensar na srta. Billy Perry nem de entornar aquilo que no Chicken Club vendem como bebida, até que perde a cabeça. Na minha opinião, só um sujeito com parafusos a menos pensa em levar um jornalista pra passear por causa de uma pequena, numa cidade em que as pequenas se acham à baciada.

Mas também me lembro de ter lido notícias sobre sujeitos considerados sensatos até se enrosca-rem com uma pequena, ou se apaixonarem mesmo, e aí sem mais nem menos se jogam de uma janela

e talvez da srta. Billy Perry, estão semibêbados. Waldo continua sentado, de cara fechada, dizendo “sim” e “não” para a srta. Billy Perry quando ela passa por ele, tão cheia de felicidade que não consegue parar um instante no mesmo lugar.

Já Dave the Dude é o mais bêbado de todos, pois tem dois ou três dias de vantagem em relação aos outros. E, quando Dave está bêbado, devo dizer que não é muito confiável em termos de gênio, é capaz de explodir na cara de alguém a qualquer momento. Mas agora parece estar se divertindo com tudo que aprontou.

Aos poucos, Nig Skolsky esvazia a pista de dança e arrasta para o centro uma espécie de arco de madeira decorado com flores muito bonitas. A ideia, parece, é que a srta. Billy Perry e Waldo Winchester se casem embaixo desse arco. Percebo que Dave the Dude deve ter passado dias planejando a coisa toda, que deve ter custado uma verdadeira bolada, principalmente quando o vejo mostrando para a srta. Missouri Martin um anel de diamante do tamanho de uma pastilha pra garganta.

“É pra noiva”, diz Dave the Dude. “O pobre-diabo com quem ela está casando nunca terá gaita

suficiente pra comprar um anel, e sei que ela quer um bem grande. Compro de um sujeito que traz essas coisas de Los Angeles. E eu mesmo vou entregar a mão da noiva. Mizzoo, me explica como faço isso? Quero que a Billy se case como manda o figurino.”

Enquanto a srta. Missouri Martin puxa pela memória os detalhes de seus casamentos, dou uma conferida no Waldo pra ver como vão as coisas. E me lembro de dois caras na prisão de Sing Sing, a caminho da cadeira elétrica. Estavam bem mais alegres que Waldo Winchester neste momento.

A srta. Billy Perry está sentada com Waldo, ambos olhando o maestro xingar os músicos, que não lembram como tocar “Oh, Promise Me”, quando Dave the Dude grita: “Tudo pronto! Que os noivos se aproximem!”

A srta. Billy Perry pula da cadeira e puxa Waldo Winchester pelo braço. Depois de olhar para o moço, sou capaz de apostar que ele não chega até o arco florido. Mas ele acaba conseguindo, em meio a risos e aplausos. O padre também se aproxima, e Dave the Dude está mais feliz do que nunca quando todos se reúnem sob as flores.